



CENTRO UNIVERSITÁRIO IBMR
ÂNIMA EDUCAÇÃO
CARINA LIRA FREITAS

**Economia Solidária: Um ensaio sobre o empreendedorismo social
no município do Rio de Janeiro pós-covid 19**

Rio de Janeiro
2023

CARINA LIRA FREITAS

Economia Solidária: Um ensaio sobre o empreendedorismo social no município do Rio de Janeiro pós-covid 19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Ciências Econômicas, do Centro Universitário IBMR- Ânima Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Me. Leidisangela Santos da Silva

Rio De Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Freitas, Carina Lira.

F866e Economia solidária: um ensaio sobre o empreendedorismo social no município do Rio de Janeiro pós-covid 19. [manuscrito] / Carina Lira Freitas. Rio de Janeiro. -2023.

45 f

Monografia (graduação) - Centro Universitário IBMR - Curso de Ciências Econômicas, Rio de Janeiro, 2023.

Orientadora: Leidisangela Santos da Silva.

1. Economia Solidária. 2. Empreendedorismo Social. 3. Desigualdade. I. Silva, Leidisangela Santos da. (Orient.). II. Centro Universitário IBMR. III. Título.

CDD: 330

CARINA LIRA FREITAS

Economia Solidária: Um ensaio sobre o empreendedorismo social no município do
Rio de Janeiro pós-covid 19

Este Trabalho de Conclusão de Curso
foi julgado adequado à obtenção do
título de Bacharel, aprovado em sua
forma final pelo curso de Ciências
Econômicas do Centro Universitário
IBMR.

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 2023

Banca examinadora:

Prof. e Orientador. Me. Leidisangela Santos da Silva- IBMR

Prof. Me. Wagner Fernandes dos Santos- IBMR

Prof. Me. Glaucia Souza da Silva Fonseca- Membro Externo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Carmen Lucia, que foi a verdadeira apoiadora do meu crescimento e minha maior incentivadora, que nunca mediu esforços para me ajudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que possibilitou e tornou possível o meu sonho.

À toda minha família e em especial a minha mãe Carmen Lucia, que esteve comigo em toda a minha jornada acadêmica e nunca mediu esforços para me ajudar.

Ao meu pai Gelcimar Freitas, que sempre admirei por seu esforço e sabedoria, e sempre me acolheu com palavras de incentivo e coragem.

Ao meu padrasto Rodrigo Correia, que sempre me acolheu e me auxiliou em todos os aspectos da minha vida.

À minha orientadora Leidisangela, que me auxiliou em todo o processo de criação desse trabalho.

Ao meu professor Wagner Santos, por toda paciência e dedicação, que foram fundamentais durante todo processo.

Agradeço também as minhas amigas Gabrielle Bonilha e Nicole Mustto, por estarem comigo durante todo período e me tranquilizar em momentos que o nervosismo tomava conta.

“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele.”

Immanuel Kant

RESUMO

Tendo em vista que a pandemia do coronavírus afetou fortemente o mundo, principalmente a economia e os setores geradores dela, pesquisa-se sobre os impactos da pandemia na economia solidária em conjunto ao empreendedorismo social do município do Rio de Janeiro, a fim de verificar os efeitos econômicos causados pelas medidas de isolamento, avaliar a situação econômica das empresas de empreendedorismo solidário durante a pandemia e compreender a eficácia das medidas governamentais adotadas nesse período. Realiza-se, então, uma pesquisa qualitativa, com entrevistas a funcionários do setor da economia solidária. Diante disso, verifica-se que conforme dados mostrados ao decorrer da pesquisa, e os resultados das entrevistas, o empreendedorismo teve um grande impacto durante a pandemia e devido ao fechamento obrigatório das empresas e a ordem de permanecer em casa, apesar das medidas governamentais de continuidade de emprego, e de auxílio emergencial, grande parte da sociedade, assim como as empresas, sentiram o impacto da pandemia.

Palavras chaves: Economia Solidária. Empreendedorismo Social. Desigualdade.

ABSTRACT

Considering that the Coronavirus pandemic, strongly affected the world, especially the economy and the sectors that generated it, we research the impacts of the pandemic on the solidarity economy in conjunction with social entrepreneurship in the municipality of Rio de Janeiro, in order to verify the economic effects caused by the isolation measures, evaluate the economic situation of the solidarity entrepreneurship companies during the pandemic, and understand the effectiveness of the governmental measures adopted in this period. A qualitative research is then carried out, with interviews with employees in the solidarity economy sector. In view of this, it is verified that, according to the data shown during the research, and the results of the interviews, entrepreneurship had a great impact during the pandemic, and due to the mandatory closure of companies and the order to stay at home, despite government measures of job continuity and emergency aid, much of society, as well as the companies, felt the impact of the pandemic.

Keywords: Solidarity Economy. Social Entrepreneurship. Inequality.

LISTAS DE FIGURAS

Figura1	Princípios da Economia Solidária.....	19
Figura2	Diferenças entre empreendedorismo e o empreendedorismo social.....	22

LISTAS DE ABREVIATURAS

ANTEAG	Associação Nacional dos Trabalhadores e Empresas de Autogestão
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
EES	Empreendimentos de Economia Solidária
ES	Economia Solidária
FBES	Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FSM	Fórum Social Mundial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEI	Microempreendedor individual
MPMEs	Micro, pequenas e médias empresas
ONU	Organização das Nações Unidas
PAC	Projetos Alternativos Comunitários
PIB	Produto Interno Bruto
SENAES	Conferência Nacional de Economia Solidária
UNISOL	Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Objetivo Geral.....	14
1.2	Objetivos Específicos.....	15
1.3	Justificativa.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	Economia Solidária.....	16
2.1.1	<u>Princípios da Economia Solidária.....</u>	17
2.2	Origem do Empreendedorismo Social	19
2.2.1	<u>Diferenças entre empreendedorismo social e empreendedorismo.....</u>	21
2.3	Caracterização Geral dos Empreendimentos Solidários.....	22
2.4	O Empreendedorismo Social como respostas aos impactos a pandemia no Rio de Janeiro.....	24
2.5	Processos do desenvolvimento econômico pós-pandemia.....	26
3	METODOLOGIA.....	29
3.1	Tipologia da pesquisa.....	29
3.2	Coleta de Dados.....	30
4	ANÁLISE DE DADOS.....	31
5	CONCLUSÃO.....	34
	REFERÊNCIA BIBIOGRÁFICAS.....	36
	APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista.....	41

1. INTRODUÇÃO

Em decorrente ao atual cenário da economia, onde a pandemia do Covid- 19 acompanhou um aumento significativo para a desigualdade no mundo. Famílias ficaram sem renda, aumento do desemprego, empreendimentos foram fechados, a economia foi extremamente afetada e as consequências levaram um tempo para serem aliviadas.

Em decorrência a pandemia causada pelo Covid-19 com início no final do ano de 2019 a situação mundial ameaça ainda mais o combate à desigualdade. Em pesquisa exposta pelo IBGE (2020), a partir de dados de Banco Mundial, verificou-se que o Brasil ocupou a posição de nono país mais desigual do mundo.

Não há dúvidas de que a desigualdade é um dos assuntos mais relevantes a serem discutidos, sendo até um dos principais problemas a serem solucionados. Seja ela, desigualdade cultural, aprendizagem, segurança, lazer e talvez a principal, financeira. A pauta desigualdade é de tamanha importância que está inclusive presente na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

Olhando a desigualdade brasileira através do índice de Gini os números ficam ainda mais assustadores. O índice de Gini ¹ é um dos métodos mais conhecidos para medir a desigualdade de um local, porém, ele mede a desigualdade de renda e não a desigualdade de oportunidades.

Como alternativa a este contexto, a economia solidária e os empreendimentos sociais propõem a mobilização e o fortalecimento das comunidades a fim da promoção de relações produtivas menos desiguais e mais democráticas, sustentáveis, não hierarquizadas e focadas no desenvolvimento regional.

Surgiram algumas iniciativas de geração de emprego e renda e combate à miséria como os Projetos Alternativos Comunitários (PACs) da Cáritas Brasileira, organizados a partir de pequenas iniciativas de produção. a formação de cooperativas de trabalhadores de empresas falidas e em situação falimentar que passaram a assumir a forma de empreendimentos autogeridos através do apoio da Associação Nacional dos Trabalhadores e Empresas de Autogestão (ANTEAG) e da criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES).

¹ O índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é uma ferramenta para medir o nível de concentração de renda de um determinado grupo. Apontar a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos.

Por força da organização destes movimentos nos últimos dez anos, instituiu-se no cenário brasileiro a organização de uma política nacional de fomento e apoio público para a economia solidária, via Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) (CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2006).

A SENAES assumiu o papel de “fortalecer as experiências de autogestão como resposta ao desemprego, intensificando as potencialidades emancipatórias da Economia Solidária e tornando-se referência de política pública implementada com participação popular” (BRASIL, 2003, p. 4).

Sendo assim, o valor da economia solidária é o trabalho não com o intuito de produzir bens e serviços, mas como finalidade de prática social para valorizar a sociedade e o próprio trabalhador, como protagonistas de uma alternativa econômica coletiva de produção e distribuição de riqueza, que acontece no empreendimento. Segundo a SENAES, o trabalho vai se configurar nos empreendimentos de economia solidária de forma associada e colaborativa, por meio da autogestão e da posse coletiva dos meios de produção, na 14 cooperação e na solidariedade. (CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2013, p. 27).

Nessa perspectiva, os empreendimentos de economia solidária são espaços de solidariedade e cooperação, dentro dos quais são esperadas relações humanas muito diversas daquelas promovidas por uma organização social essencialmente competitiva, ou seja, esperam-se relações de trabalho que priorizem a igualdade, a colaboração e a preocupação com o bem-estar do ser humano como valor essencial.

Como afirma Singer (2000, p. 4), “a empresa solidária é basicamente de trabalhadores, que apenas secundariamente são seus proprietários. Por isso, sua finalidade básica não é maximizar lucro, mas a quantidade e a qualidade do trabalho”.

PROBLEMA DE PESQUISA

Diante do contexto apresentado, o trabalho propõe a responder a seguinte questão: Quais foram os impactos econômicos causados pela pandemia COVID-19 no empreendedorismo social do município do Rio de Janeiro?

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo Geral deste trabalho é investigar a importância do empreendedorismo solidário e os desafios enfrentados pós pandemia. Para atingir o objetivo geral o trabalho visa:

1.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Caracterizar sobre o empreendedorismo social;
- Ilustrar o empreendedorismo social na cidade do Rio De Janeiro;
- Reconhecer dados do empreendedorismo social;

1.3 JUSTIFICATIVA

Nesse contexto, o presente trabalho deseja analisar, frente ao dilema do combate à desigualdade, o porquê e como os empreendedores que atuam em negócios de impacto social são levados a empreender nesse tipo de negócio e quais suas percepções perante o futuro dos negócios de impacto, levando em consideração os efeitos da pandemia na sociedade brasileira.

A pesquisa irá apresentar principalmente a relevância do tema, buscando influenciar e trazer pessoas e empresas a mudarem seus hábitos e apoiarem ao empreendedorismo social visando a melhoria e qualidade da sociedade e entendendo que há uma grande imensidão de soluções em meio aos problemas, assim como antes da pandemia e agora no pós, e que elas podem transformarem o meio que em que vivem com as orientações certas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para responder o problema de pesquisa, o trabalho irá trilhar o seguinte referencial teórico desmembrado em cinco subseções: 2.1 Economia Solidária; 2.1.1 Princípios da Economia Solidária; 2.2 Origem do Empreendedorismo Social; 2.2.1 Diferenças entre empreendedorismo social e empreendedorismo empresarial; 2.3 Caracterização geral dos empreendimentos solidários; 2.4 O Empreendedorismo Social como respostas aos impactos a pandemia no Rio de Janeiro; 2.5 Processos de desenvolvimento econômico pós pandemia;

2.1 Economia Solidária

A economia solidária é um conceito bastante usado em diversos continentes, com interpretações variadas que giram em torno da ideia de solidariedade (LAVILLE & GAIGER, 2009 apud MIRANDA, 2011). Lechat (2002) destaca que é difícil definir o conceito de economia social, na medida em que há mais de um século referiu-se as diversas manifestações. Usa-se a conceituação de Guélin, autor francês que estuda a temática.

Quanto à definição atual da Economia Social, segundo o mesmo autor, “ela é composta de organismos produtores de bens e serviços, colocados em condições jurídicas diversas no seio das quais, porém, a participação dos homens na sua livre vontade, onde o poder não tem por origem a detenção do capital e onde a detenção do capital não fundamenta a aplicação dos lucros. (GUÉLIN, 1998:13 apud LECHAT, 2002, p.175).

Para Singer (2002), no que se refere as raízes da economia solidária e aos fatores que influenciaram a sua criação, diz que a economia solidária teve suas inspirações nos socialistas libertários e nos movimentos cooperativistas do século XIX. O autor acredita que a economia solidária nasceu no contexto do século XIX, todavia, foi interrompida por ataques e crises econômicas, ressurgindo na década de 1980, como respostas a crise do emprego e de propostas socialistas.

Já para Motchane (2003, apud OLIVEIRA. L; 2005) há uma concordância em partes, o autor acorda que as raízes da economia solidária estão na Europa, contudo discorda do período do seu aparecimento, afirma que a economia solidária tem raízes na idade média por volta do século XII.

Nas palavras Oliveira, L; (2005), a economia solidária surge no espaço intermediária entre estado, mercado e setor informal, através das famílias, comunidades e redes que exercem um papel político e social, não apenas econômico. Ela é considerada um passo concreto, indispensável para dar credibilidade e gerar intensa adesão social (GAIGER 2004, apud MIRANDA, 2011).

Ainda para Chaves e Monzón (2012), o conceito de economia solidária articula-se em torno de três polos: Mercado, o Estado e a Reciprocidade.

- Mercado - Permite o fornecimento e a procura de bens que o satisfaçam;

- Estado – A produção é delegada a uma autoridade central, responsável por sua atribuição;
- Reciprocidade – Relação estabelecida entre grupos e pessoas graças a ligação social entre as partes interessadas;

Diante disso Lechat (2002), afirma que a economia solidária é um conceito novo e controverso, contudo, está ligado de alguma forma com experiências não tão atuais.

Uma definição sucinta de Economia Solidária, segundo o professor Paul Singer, atual secretário nacional de Economia Solidária, é a de que se trata de:

“(...) um conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas sob a forma de autogestão, isto é, pela propriedade coletiva do capital e participação democrática (uma cabeça, um voto) nas decisões dos membros da entidade promotora da atividade.”
(Economia Solidária em desenvolvimento, 2003)

A Economia Solidária surgiu no Brasil no último quarto do século XX, motivada pelo desemprego, pobreza e exclusão social, num movimento em que os próprios atores acometidos por estas mazelas buscavam alternativas de sobrevivência. Neste contexto, surgiram inúmeras iniciativas de cooperativismo popular rural e urbano, além da recuperação de empresas falidas pelos trabalhadores (GAIGER, 1996; SINGER, 2002).

A economia solidária se apresenta no Brasil em um cenário de crise que o país passava, resultado da crise de choque do petróleo, que se acometeu em toda a América Latina. (DEBATE BRASIL, 2014).

O aumento no número de falência de empresas que ocorreu na década de 80, foi outro contributo que caracterizou o início da economia solidária no Brasil, levou muitos trabalhadores a obterem na justiça o direito de assumir as empresas falidas, essas experiências serviram de base para a criação da (UNISOL) União e Solidariedade das Cooperativas do Estado de São Paulo (SINGER, 2002).

O primeiro estado brasileiro a apresentar as primeiras práticas da economia solidária vinculadas aos movimentos rurais e com apoios das políticas públicas de um governo popular, foi o Rio Grande do Sul (BERTUCCI 2005, p.57 apud SÁ, 2005). E durante os preparativos do I Fórum Social Mundial (FSM) que ocorreu em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, em 2001, diversas entidades de apoio e

formação se unem e formam o grupo de Trabalho Brasileiro de Economia Solidária (GTBRASILEIRO).

2.1.1 Princípios da Economia Solidária

A economia solidária tem sido difundida como prática alternativa em respostas aos problemas originados pelo capitalismo.

Na Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização 2007, p.33, é possível observar os princípios e os valores fundamentais da economia solidária. A Economia Solidária tem, como valores fundamentais, adesão voluntária e esclarecida dos membros, participação democrática em processos decisórios, autogestão, cooperação, intercooperação, promoção do desenvolvimento humano, preocupação com a natureza, preocupação com a comunidade, produção e consumo éticos, solidariedade.

A Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização (2007) elenca e divulga princípios orientadores da economia solidária:

Quadro 1 Princípios da Economia Solidária

Autogestão	Os trabalhadores não estão mais subordinados a um padrão e tomam suas próprias decisões de forma coletiva e participativa.
Democracia	A Economia Solidária age como forma de transformação estrutural das relações econômicas, democratizando-as, pois o trabalho não fica mais subordinado ao capital.
Cooperação	Em vez de forçar a competição, convida-se o trabalhador a se unir trabalhador, empresa a empresa, país a país.
Centralidade do Ser Humano	As pessoas são o mais importante, não o lucro.
Valorização da diversidade	Reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino e a valorização da diversidade, sem discriminação de crença, cor ou opção sexual.
Emancipação	A Economia Solidária emancipa, liberta.
Justiça social na produção	Comercialização, consumo, financiamento e desenvolvimento tecnológico, com vistas à promoção do bem-viver das coletividades.
Cuidado com o meio ambiente e responsabilidade com a geração futura	Além de se preocuparem com a eficiência econômica e os benefícios materiais, produzem e buscam eficiência social.

Elaborado pela autora, 2023

Das categorias referidas, as categorias centrais, acordadas pela maioria, são a de solidariedade e autogestão, por incluírem as demais características da economia solidária. Lisboa (2005 apud AMORIM, 2010) sobre a solidariedade planeia que:

“A novidade, a força e o diferencial da economia solidária gravita na ideia de solidariedade. Na economia o elemento solidariedade não é um mero adjetivo: é central, reformata a lógica e o metabolismo econômico. A economia solidária incorpora a solidariedade no centro da atividade econômica.”

Sobre a conceituação dos termos que envolvem a economia solidária, Nascimento (2004, p.02, apud SÁ, 2005), apresenta:

“ A reinvenção da Economia Solidária porta em si uma espécie de ressurreição de valores que fazem parte da cultura do movimento operário: solidariedade, autogestão, autonomia, mutualismo, economia moral, e outros. nesse sentido Economia Solidária e Autogestão, se não são sinônimos, são termos de caminham juntos. Apesar da diversidade de conceitos pode-se caracterizar a Economia Solidária como “o conjunto de empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, com um certo grau de democracia interna”.

2.2 Origem do Empreendedorismo Social

O empreendedorismo social tem suas raízes em uma combinação de diversas correntes de pensamento e movimentos sociais ao longo da história. Embora o termo "empreendedorismo social" seja relativamente recente, suas origens remontam a ideias e práticas que emergiram em diferentes contextos e períodos de tempo (GRENIER, 2006; SILVA ET AL.;2015).

Empreendedorismo social, empresas sociais ou economia solidária, foram algumas das expressões que surgiram nas décadas de 1980 e 1990 para dar conta de um fenômeno em rápida expansão e que tem vindo a atrair atenção crescente dos vários setores da sociedade (MARTIN & OSBERG, 2007; NICHOLLS, 2006).

Existem muitas definições do termo empreendedor, principalmente, porque foram desenvolvidas por pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, que utilizam os princípios de suas próprias áreas de interesse para construir o conceito. “O Empreendedorismo Social surge como um conceito ainda em desenvolvimento, mas com características e estratégias próprias, apresentando diferenças de uma gestão social tradicional” (VERGA; SILVA, 2014).

Antes de conceituar o empreendedorismo social, precisa-se entender o surgimento e evolução do empreendedorismo. Pois, a delimitação do conceito do empreendedorismo social parte do conceito de empreendedorismo e da economia solidária.

Considerando como um dos principais autores da escola empreendedora, Mintzberg (1973) cita que, em sua origem, o conceito de empreendedor era aplicado aos indivíduos que fundavam empresas. Tendo como inspiração a escola empreendedora, alguns autores partem das características empreendedoras para construir uma definição de empreendedorismo social e traçar o perfil de empreendedores sociais.

No campo da economia solidária é possível encontrar outras raízes do empreendedorismo social. A economia solidária se baseia na ideia de que é possível conciliar eficiência econômica com justiça social e ambiental. movimentos como as empresas recíprocas, associativas e autogerenciadas ajudaram a moldar uma mentalidade empresarial que busca criar negócios que valorizam a colaboração, a equidade e a sustentabilidade (GAIGER, 1996; SINGER, 2002).

No século XX, surgiu uma nova corrente de pensamento que ajudou a moldar o empreendedorismo social moderno: a responsabilidade social corporativa. À medida que as empresas começaram a reconhecer seu papel além do lucro, surgiram abordagens empresariais que buscavam gerar impacto social positivo. Teóricos como Howard Bowen, com seu livro "Social Responsibilities of the Businessman" (1953), e Peter Drucker, com seu conceito de "organizações sem fins lucrativos" (1989), abriram caminho para a noção de que as empresas podem e devem assumir responsabilidades sociais.

No final do século XX e início do século XXI, o empreendedorismo social começou a ganhar mais visibilidade e reconhecimento. Organizações como a Ashoka, fundada por Bill Drayton em 1980, desempenharam um papel fundamental na promoção e apoio a empreendedores sociais em todo o mundo. Além disso, a disseminação da internet e das redes sociais criou um ambiente propício para o crescimento do empreendedorismo social, facilitando a colaboração, a disseminação de informações e o alcance de públicos mais amplos.

No Brasil, o empreendedorismo social começa a ter popularidade em 1992, quando foi realizada no Rio de Janeiro a conferência da ONU sobre o meio ambiente e desenvolvimento, que ficou conhecida como RIO-92 ou ECO-92 e o debate em

relação ao desenvolvimento social. A partir desse momento os empresários foram apresentados a ações sociais, com participação do estado. Nesse período as organizações começaram a programar e ampliar seus projetos por acreditar que é uma obrigação social (MARTINELLI, 1997 apud SANTOS; SILVA et al, 2011).

Ainda no Brasil, o tema empreendedorismo social, ainda não se tem a devida atenção e tratamento científico. O conceito empresarial sobre o empreendedorismo social é complexo, não existindo uma concordância, como citado por Okpara & Halkias (2011, p.6 apud FERREIRA BAPTISTA, 2013).

2.2.1 Diferenças entre o Empreendedorismo Social e Empreendedorismo

Neste aspecto, costuma-se considerar que os empreendedores sociais são uma espécie dentro do “gênero empreendedor” (HARDING, 2004), possuindo as mesmas qualidades que os empreendedores tradicionais, porém focando-se em uma direção “socialmente valiosa” (BESSANT; TIDD, 2009), estando mais concentrados em ajudar os membros da comunidade do que em ganhar dinheiro (THOMPSON, 2002).

Austin, Stevenson e Wei-Skillern (2006) afirmam que, o conceito de empreendedorismo social está pautado na criação de valor social e na introdução de inovações de metodologia, serviços ou produtos, as quais gerariam uma transformação social.

A grande diferença dos empreendedores sociais referidos, comparativamente com os atuais, reside na escala e no alcance do impacto social que os últimos conseguem gerar, bem como na multiplicidade de abordagens que são aplicadas para resolver os problemas sociais (Nicholls, 2006).

Os quadros 1, faz comparativos entre os principais pontos que diferem e, ao mesmo tempo, apresentam certa semelhança com o empreendedorismo social.

QUADRO 1 DIFERENÇAS ENTRE EMPREENDEDORISMO EMPRESARIAL E EMPREENDEDORISMO SOCIAL

EMPREENDEDORISMO EMPRESARIAL	EMPREENDEDORISMO SOCIAL
Sua medida de desempenho é o lucro	Sua medida de desempenho é o impacto social

Visa a satisfazer necessidades dos clientes e a ampliar as potencialidades do negócio	Visa a respeitar pessoas da situação de risco social e a promovê-las
Tem o foco no mercado	Tem o foco na busca de soluções para os problemas sociais
Produce bens e serviços	Produce bens e serviços à comunidade

FONTE: Adaptado de Melo Neto e Froes (2002, p.11)

O empreendedorismo social engloba organizações que têm uma missão social estabelecida e para isso fazem uso de mecanismos comerciais com os quais procuram a manutenção ou melhoria das condições de vida, de modo que ultrapassem os benefícios financeiros. Dentre elas pode-se citar organizações de filantropia, terceiro setor, trabalhos voluntários e os negócios sociais (VASCONCELOS; LEZANA, 2012).

2.3 Caracterização Geral dos Empreendimentos Solidários

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimou em 2013 que a população brasileira já ultrapassara a casa dos 200 milhões de habitantes. No mesmo ano, o segundo Mapeamento Nacional da Economia Solidária no Brasil contabilizou cerca de 1,4 milhão de pessoas integrantes dos empreendimentos econômicos solidários (EES), na condição de trabalhadores, consumidores ou usuários de seus bens e serviços.

Segundo Singer 2002, no último quarto do século XX surgiram inúmeras iniciativas de cooperativismo popular rural e urbano, além da recuperação de empresas falidas pelos trabalhadores, como alternativa de sobrevivência. Estas iniciativas receberam o nome de Empreendimentos de Economia Solidária (EES), que são “as diversas modalidades de organização econômica, originadas da livre associação de trabalhadores”, tais como associações, cooperativas, empresas recuperadas etc. Que têm como principal objetivo realizar atividade econômica, a partir dos princípios da cooperação, da solidariedade e da autogestão (GAIGER, 2009, p. 181)

Estão presentes em setores de produção, comercialização, crédito e prestação de serviços, e combinam “ações de cunho educativo e cultural” à atividade econômica. Estes empreendimentos têm como base a posse coletiva dos meios de produção, a gestão democrática, por meio da democracia auto gestonária,

e a divisão dos excedentes gerados no processo produtivo entre os trabalhadores (SINGER, 2000). Assim, os EES compreendem organizações:

- Coletivas – organizações supra familiares, singulares e complexas, tais como: associações, cooperativas, empresas auto gestonárias, grupos de produção;
- Permanentes (não são práticas eventuais). Além dos empreendimentos que já se encontram implantados, em operação, devem-se incluir aqueles em processo de implantação quando o grupo de participantes já estiver constituído definido sua atividade econômica;
- Que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito (cooperativas de crédito e os fundos rotativos populares), de comercialização (compra, venda e troca de insumos, produtos e serviços) e de consumo solidário. As atividades econômicas devem ser permanentes ou principais, ou seja, a razão de ser da organização;
- São singulares ou complexas. Ou seja, deverão ser consideradas as organizações de diferentes graus ou níveis, desde que cumpridas as características acima identificadas. As organizações econômicas complexas são as centrais de associação ou de cooperativas, complexos cooperativos, redes de empreendimentos e similares (BRASIL, 2013);
- Que podem dispor ou não de registro legal, prevalecendo a existência real ou a vida regular da organização (SENAES, 2006, p. 13).

Segundo o Dicionário de Economia, sob esta perspectiva, empreendimentos podem ter várias formas de organização, dependendo da divisão do capital entre os sócios:

Nas pequenas e médias empresas, a direção é, habitualmente, entregue aos proprietários. Já nas grandes empresas, é frequente a contratação de administradores profissionais para dirigi-las. As pequenas e médias empresas organizam-se na forma de sociedades por cotas, com responsabilidade limitada ou não, ou sob a forma de sociedades anônimas de capital fechado. As grandes empresas organizam-se geralmente na forma de sociedades anônimas de

capital aberto, com ações (cotas unitárias) livremente negociáveis nas Bolsas de Valores (SANDRONI, 1999, p. 203)

A descrição do dicionário não contempla as empresas de coletivos de trabalhadores, como os EES, nas suas diversas formas, cooperativas, associações etc. Sob a perspectiva deste dicionário, portanto, o termo “empreendimento” não poderia ser utilizado para a Economia Solidária.

De acordo com Gaiger, a associação do termo à realidade da Economia Solidária é relativamente novo e, talvez por isso, tem sido ignorado nos manuais e bibliografias da Economia, em geral. O termo mais completo (Empreendimento Econômico Solidário), surgiu a partir das formulações do pensador chileno Luiz Razeto, no início da década de 1980, fazendo alusão às diversas manifestações de economia popular. O autor fazia referência àqueles grupos que surgiram em torno de formas organizativas econômicas populares, nas periferias urbanas, a fim de satisfazerem necessidades básicas, a partir de alternativas de ajuda mútua, e com prática de valores como a autonomia, a solidariedade e a cooperação. Estas experiências representavam uma relação entre o empreendedorismo e o solidarismo e juntavam interesses econômicos e sociais numa mesma ação.

EES é todo empreendimento que segue bases solidárias caracterizado, de acordo com Gaiger (1999), pela presença de autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, auto-sustentação, desenvolvimento humano e responsabilidade social.

2.4 O Empreendedorismo Social como resposta aos impactos a pandemia no Rio de Janeiro

Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro as políticas adotadas para enfrentamento da pandemia de COVID-19 passaram por duas estratégias básicas: evitar a propagação do vírus, através de medidas de isolamento social e atuar no reforço emergencial da rede de atendimento de saúde. “Fique em casa”, “Lave as mãos” e posteriormente “Use máscara sempre que sair de casa”, passaram a ser os motes básicos da política de prevenção.

Somente o estado do Rio de Janeiro registrou, até a data 19/09/2020, 251.261 casos confirmados e 17.634 óbitos, com 7,0% de letalidade. (ESCOSTEGUY, 2021)

Com a eclosão do estado de calamidade no município em 13 de março de 2020, o decreto nº 46.970 definiu “medidas temporárias de prevenção ao contágio e de enfrentamento da propagação decorrente do novo coronavírus (covid-19)” (DECRETO Nº 46.970). A determinação da Prefeitura foi o primeiro passo para as mudanças econômicas e sociais que a cidade ia enfrentar que culminou no período de isolamento social dado no dia 16 do mesmo mês, desta forma tornava-se vetada a atividade que não se mostrasse essencial para a vida humana. (OLIVEIRA, 2021)

Cálculos feitos pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontam que o município do Rio de Janeiro, por exemplo, perdeu cerca de R\$ 5,5 bilhões em 2021 com o cancelamento do carnaval, o que equivale a 1,4% do PIB carioca. (FGV, 2021)

Os estabelecimentos comerciais e de serviços foram obrigados por decreto a manter suas atividades estagnadas. A situação agravou a economia do município que já vinha tentando se recuperar de um processo de crise desde 2016. De acordo com Balassiano (2020) a queda registrada apenas no mês de março foi de 5,2%, o setor de serviços foi o mais impactado com -9,2%. Reflexo de um acúmulo de retração econômica aliado a uma situação de calamidade que teve impacto direto na economia do município.

A flexibilização das medidas restritivas durou até 1 de junho de 2020, onde a prefeitura do município lançou o Plano de Reestruturação da Cidade. “O prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, anunciou nesta segunda-feira (01/06) a retomada gradual e responsável das atividades econômicas na cidade a partir desta terça-feira (02/06).” As atividades voltaram gradativamente reaquecendo os setores econômicos, porém a instabilidade financeira ainda é alta, devido ao já citado acúmulo de crises. (OLIVEIRA, 2021)

No empreendedorismo social podem-se apontar as perspectivas em duas direções: desafios e possibilidades. Vale destacar algumas das possibilidades do empreendedorismo sobre a sociedade, gera resultados sociais de impacto, cria capital social e empoderamento, resgata a visão de futuro e autoestima. No médio e longo prazo irá influenciar radicalmente pessoas a elaboração e execução de projetos sociais. Como bem afirmam Melo Neto e Froes (2002, p.15):

Intelectuais, políticos, empresários e pesquisadores sociais apontam distorções, culpam o governo, criticam as políticas públicas e identificam gestores e instituições corruptas, ineficientes e ineficazes.

Muito se fala e pouco se faz de concreto e efetivo. Muitas vezes, o que se fala esconde a inércia, o conformismo, a visão banalizada dos problemas, o ceticismo diante das questões sociais.

No ano de 1994, Rodrigo Baggio, um jovem profissional da área de educação em informática, percebeu que as tecnologias da informação poder ser uma ferramenta formidável na luta contra a exclusão social. Assim criou a primeira escola de informática no subúrbio do Rio De Janeiro, na favela Dona Marta.

Um desafio do empreendedorismo social no Brasil é fazer com que pessoas, principalmente as excluídas e marginalizadas, tenham uma postura de cidadãos e não de vítima e comecem a fazer sua parte. É preciso fortalecer o caminhar juntos, pois, como ressalta Maturana (1997, p.206), “[...] ser social envolve sempre ir com o outro, e só se vai livremente com quem se ama”.

Pesquisas apontam que, tanto para o Brasil, como para o Estado do RJ e Município do Rio, após a forte queda da atividade econômica em 2020, em função da crise econômica decorrente do primeiro ano da pandemia, houve um alto crescimento em 2021, ainda com a pandemia, mas com o processo de vacinação em curso.

Vários polos de inovação estão surgindo pelo Brasil e o Rio de Janeiro tem se mostrado um dos lugares adorados pelos empreendedores do país. De acordo com a Associação Brasileira de Startups (ABStartups), 9,7% das startups do país são sediadas na cidade maravilhosa.

A economia solidária encontra no desenvolvimento local, portanto, um importante aliado para o combate ao sistema de reprodução das desigualdades econômicas, sociais e culturais vigentes. Dada a complexidade da questão, uma série de medidas deve ser desencadeada, a começar pelo problema da posse. Um número muito reduzido de pessoas nas favelas tem a posse dos lugares onde vivem. As favelas foram formadas exatamente porque os mais pobres não têm como pagar pela compra de terrenos ou imóveis, e menos ainda por aluguel.

2.5 Processos do desenvolvimento econômico pós-pandemia

A Economia Solidária (ES) pode ser considerada uma alternativa para a lógica do desenvolvimento, cuja mobilização congrega princípios, modelos e experiências socioeconômicas diversas, isto é, como resposta para o desafio de

fomentar articulações socioculturais mais inclusivas para um desenvolvimento econômico subsidiado por relações mais equânimes, que poderão melhorar a qualidade de vida das pessoas.

O primeiro caso de infectados pelo vírus, no Brasil, foi em 26 de fevereiro em São Paulo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Têm-se, então, o início de dificuldades sanitárias, políticas e econômicas, das quais não é possível saber quando será o seu término.

De fevereiro a março de 2020, percebeu-se os primeiros choques de oferta e de demanda. Houve desaceleração da economia chinesa, epicentro do surgimento da doença, e, posteriormente, na Europa, o primeiro e terceiro principais parceiros comerciais do Brasil (COMEXSTAT, 2020).

Com o intuito de desacelerar a contaminação e assim evitar um colapso no sistema de saúde, em março de 2020 foram tomadas medidas de isolamento. O governo brasileiro previa que os impactos do COVID-19 na economia brasileira seriam redução das exportações, queda no preço de commodities e, conseqüentemente, piora nos termos de troca, interrupção da cadeia produtiva de alguns setores, queda nos preços de ativos e piora das condições financeiras, e redução no fluxo de pessoas e mercadorias (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020b).

Os mais atingidos primeiramente foram os trabalhadores informais, contudo, as micro e pequenas empresas são as mais afetadas, visto que apresentam dificuldades na gestão de caixa. Os setores mais afetados são os de alimentação fora de casa, turismo e de transporte (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020b).

Algumas medidas de auxílio ao setor empresarial foram anunciadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES, 2020a), a previsão é de que menos R\$ 5 bilhões estarão disponíveis para as Micro, Pequenas e Médias Empresas (MPMEs), com os benefícios de taxas de juros menores e prazos de pagamento maiores.

No que diz respeito à conjuntura econômica, em junho do mesmo ano, a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) real era negativa, em torno de 8%, devido à queda na produção industrial, nas vendas do comércio e no volume de serviços prestados (WORLD BANK, 2020).

A proposta da equipe do Governo Bolsonaro a partir de 2021, é promover a retomada das atividades econômicas partir de uma agenda de reformas. Pretende-se promover a abertura econômica, as privatizações e concessões, a reforma

tributária, a revisão das desonerações e subsídios públicos, a aprovação do Projeto de Lei do saneamento básico, promoção de energia mais eficiente, desburocratização, redução do desemprego e pobreza por meio da criação de empresas, entre outras (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020a, d).

Há muito tempo o empreendedorismo deixou de ser uma questão relacionada ao estudo, ultimamente, tem se discutido a sua importância para o desenvolvimento econômico. É de grande importância de pequenas empresas para uma sociedade no atual contexto socioeconômico.

Uma das principais medidas adotadas pelo governo destinadas aos trabalhadores foi a criação do auxílio emergencial, esse benefício é voltado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados, os quais podem receber três parcelas, com possibilidade de prorrogação, no valor de R\$ 600,00, desde que obedeçam aos critérios estabelecidos.

O auxílio emergencial e a permissão do saque emergencial do FGTS ajudaram a recompor parte das perdas de renda da população com a pandemia.

O processo de desenvolvimento econômico requer geração de emprego e renda para a população. O impacto social é o avanço, que propõe a erradicação da pobreza por meio de iniciativas empreendedoras para população de baixa renda.

O empreendedorismo concretiza-se geralmente na criação/re-criação de um negócio que acrescenta valor para o(s) empreendedor(es) ou sociedade, apostando na inovação para tirar partido das oportunidades existentes ao mobilizar recursos para atingir fins econômicos (Brouard & Larivet, 2009).

É curioso pensar sobre o papel das empresas na sociedade. Um estudo feito por Clark (2005, p. 3) com alunos de uma turma interdisciplinar de um curso não tradicional de negócios, chamado Fazendo a diferença pelo design, mostrou que a maioria dos estudantes descreveu o papel das empresas na sociedade de uma perspectiva transacional (75%) e não transformacional (15%), ou seja, uma minoria interpreta que o objetivo dos negócios seja contribuir e trazer benefícios à sociedade.

Como defende Andrade (2005 apud MOREIRA; ALVES; SILVA, 2016), a educação para o empreendedorismo contribui para o adiantamento da autonomia de pensamento, iniciativa e ação para empreender de forma consciente, inovadora e criativa na vida do estudante, como também na transformação da sociedade em que

vive, fortalecendo, com isso, o exercício da cidadania plena, comprometida e responsável.

3. METODOLOGIA

A presente seção tem o intuito de mostrar a natureza metodológica da pesquisa e como ela será conduzida no que tange aos fins e aos meios. Para isso, será desmembrada em duas subseções: tipologia de pesquisa e coleta e seleção de dados.

3.1. Tipologia de Pesquisa

Para conduzir este trabalho, será adotado o método de pesquisa qualitativa, uma vez que se busca compreender a perspectiva do participante da pesquisa sobre os eventos que o cerca (SAMPIERI, 2013). Nesse método de pesquisa, “[...] cada método na pesquisa qualitativa está baseado em um entendimento específico de seu objeto.” (FLICK, 2008, p.13)

A abordagem qualitativa se preocupa com uma visão sistêmica do problema ou do objeto de estudo, sendo assim, explica com profundidade o significado de certas características do resultado das informações obtidas através de entrevistas e questões abertas, pois, segundo Chizzotti (1995, p.79),

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

A metodologia qualitativa, mais do que qualquer outra, levanta questões éticas, principalmente, devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados. Segundo Zaluar (1986), o cientista social não deve esquecer que a relação que se estabelece entre o observador e o observado é uma relação social e política.

Utilizamos o método de estudos quantos aos fins, pois é de cunho exploratório, onde o pesquisador encontra-se imerso no tema e busca expor problemas (GIL, 2017). O autor complementa ainda que “as pesquisas exploratórias

têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2017, p.17). Assim, objetiva-se explorar e descrever o objeto de estudo, no caso, economia solidária com foco no empreendedorismo social pós pandemia Covid 19 destacando o município do Rio de Janeiro.

Uma das características da pesquisa exploratória, tal como é geralmente concebida, refere-se à especificidade das perguntas, o que é feito desde o começo da pesquisa, como única maneira de abordagem.

O estudo exploratório pode ajudar a resolver algumas dificuldades em pesquisa. Uma delas é a que se refere ao desenvolvimento de programas, na concepção de que a população constitui um recipiente vazio. Nesse enfoque, a pesquisa constituiria o passo inicial a subsidiar o planejamento de programas de saúde direcionados para a mudança de comportamento de indivíduos.

Quanto aos meios foi utilizado o método da entrevista, para Yin (2005, p.33) “[...] o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sócias, políticos e relacionados.”

“Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica, que proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.” (MARCONI; LAKATOS, 2021, p.226). Para Michel (2015), este momento é o mais importante para se analisar, pois expressa a realidade empresarial para o autor, esclarecendo as dúvidas, tornando a pesquisa mais completa.

Tal abordagem foi necessária para se explorar assuntos até então ainda não muito familiares e para embasar cientificamente o trabalho. Consiste na coleta direta de informações em local onde os fenômenos acontecem, como por exemplo, levantar junto a empresas de determinado ramo de atividade.

3.2 Coleta e seleção de dados

Para realizar a coleta e seleção de dados, será realizada uma entrevista com três empreendedores sociais, Jociclei Aguiar, Carlos Lira e Ana Cristina Lira. A entrevista foi redigida por um roteiro elencado por oito perguntas e realizada na modalidade presencial, no dia 14/05/2023.

Além de expor o ponto de vista dos entrevistados, visa-se por meio dessas entrevistas compreender a real situação das empresas no período da pandemia. Em seguida, após a extração dos dados da entrevista e analisá-los, será possível identificar os impactos da pandemia no empreendedorismo social no município do Rio de Janeiro.

4. ANÁLISE DE DADOS

Esta seção será baseada em um levantamento dos dados coletados das entrevistas com os empreendedores. Antes de iniciar a análise, será apresentado o perfil dos entrevistados.

Entrevistado X – Empresa X

Entrevistado X é bacharel em jornalismo e trabalha com empreendedorismo social no ramo de comunicação há 18 anos. Hoje ela está em um cargo de liderança na empresa X.

Entrevistado Y – Empresa Y

Entrevistado Y é bacharel em turismo e trabalha com empreendedorismo social no ramo de gerência há 18 anos. Hoje ele é sócio da empresa Y.

Entrevistado X e entrevistado Y são irmãos e abriram a empresa juntos em 2004. A empresa deles é uma empresa que faz parte da economia solidária e se encaixa como filantropia² contestada no princípio de responsabilidade social.

É possível, considerar a responsabilidade social empresarial como um conjunto de práticas variadas que buscam uma intervenção social como parte da sua própria atividade empresarial (FISCHER, 2002).

A empresa X foi inaugurada em 2004 na cidade de São Gonçalo no Rio de Janeiro, começou as atividades trabalhando em parceria com duas instituições, um orfanato e um abrigo para idosos, foram crescendo até alcançarem parceria com mais de sete instituições e durante a pandemia caíram para três instituições. Hoje a Foco é responsável pela comunicação das instituições parceiras com seus novos

² Filantropia é uma ação de caridade dirigida à comunidade, desvinculada do planejamento estratégico da empresa.

colaboradores e captação de clientes e com toda a parte burocrática, como contas bancárias, conciliação bancária e todo financeiro. O papel dos colaboradores nessas instituições e contribuir com doações, seja em dinheiro ou materiais físicos, como, roupas, brinquedos, alimentação etc.

Entrevistado Z – Empresa Z

Entrevistado Z é bacharel em administração de empresas e trabalha com empreendedorismo social há 20 anos. Hoje ele é sócio da empresa Z.

O Entrevistado Z se encaixa nos princípios de responsabilidade social, assim como os demais entrevistados. Ele começou a sua trajetória no empreendedorismo social como motoboy, era a pessoa que buscava as doações e levava até as instituições, surgiu o desejo de abrir a Z. A Z hoje é uma empresa que conta com 15 funcionários, mas já tiveram mais de 30, hoje a empresa conta com duas instituições parceiras.

Perguntou se aos entrevistados o que teria motivado eles a entrar no empreendedorismo social, e responderam o seguinte:

“Surgiu com uma vontade grande de ter o meu próprio negócio junto com a necessidade de impactar na vida das pessoas e a oportunidade de ingressar no ramo do empreendedorismo.” (Entrevistado X).

“Bom, eu já tinha experiência no ramo e recebi um convite da minha irmã (Ana Cristina) para entrar em sociedade com ela, ela com o dinheiro e eu com a experiência, no início tive medo, mas aceitei e entramos de cabeça nessa.” (Entrevistado Y).

“Eu sempre trabalhei como motoboy pelas ruas do Rio de Janeiro, entrei nesse meio como motoboy, ia buscar as doações, na época não tinha pix né, tínhamos que ir presencialmente até o contribuidor e levarmos as doações até o beneficiário, fui crescendo nessa empresa, subindo de cargo e fui percebendo a importância desse trabalho, a cada ida as instituições eu percebia que podia fazer mais por aquelas pessoas, até que tomei coragem e abrir a minha empresa.” (Entrevistado Z).

Pode-se analisar que os entrevistados têm opiniões parecidas, através do desejo de empreender buscaram um sentido para isso, não apenas uma atividade importante para a economia, mas que contribuísse para a sociedade também.

Quando perguntadas sobre os obstáculos que enfrentam para empreender, os entrevistados responderam:

“Arcar com as despesas fixas, captação de novos clientes para gerar receita e a contratação de colaboradores com o perfil de acordo com a necessidade do meu negócio.” (Entrevistado X).

“Achar colaboradores, com certeza. As pessoas ainda não tem confiança nesse serviço, de fazer doações ou colaborações a pessoas distantes e com isso não tínhamos dinheiro para pagar contas ou até mesmo fazer serviços básico de uma empresa.” (Entrevistado Y).

“Ter capital para giro. Muitas vezes sai mais dinheiro que entra, e com isso usamos a criatividade para chamar colaboradores e parceiros. No nosso trabalho precisamos contar com a boa vontade e colaboração de outras pessoas, sai um pouco do nosso controle, hoje já temos uma organização mais solida, não quer dizer que todos os meses são bons, mas no começo era muito difícil.” (Entrevistado Z).

Nota-se que todos os entrevistados concordam em aspectos, como, captação de novos colaboradores, ter capital para giro e ganhar a confiança da comunidade.

Na sequência, as entrevistadas foram perguntadas sobre o cenário de seus estabelecimentos durante a pandemia, e responderam:

“Com a pandemia houve uma perda em todos os segmentos e com isso teve um impacto bem relevante, onde tivemos que nos adaptar a um novo formato de trabalho, que foi o home office.” (Entrevistado X).

“Um caos, a pandemia veio bagunçando tudo e com a gente não foi diferente. Quando veio a pandemia o primeiro pensamento das pessoas era cortar gastos, quais os primeiro gastos que foram cortados? A gente.” (Entrevistado Y).

“No começo foi um susto, nunca imaginávamos passar por isso, não estávamos preparados mentalmente e financeiramente para passar por essa situação. Perdemos alguns parceiros, o que atingiu o financeiro, ficamos uns meses trabalhando com um terço dos nossos colaboradores.” (Entrevistado Z).

As respostas de todos os entrevistados são parecidas, eles mencionam o impacto que a pandemia causou em seu estabelecimento, pegando os de surpresa e despreparados. O Y inclusive se mostra indignado pois quando os colaboradores se deparam com o corte de gasto a primeira opção, foram eles. Em um momento que teria que ser de união, empatia e acolhimento, o individualismo falou mais alto.

Com relação à pergunta anterior, o governo criou medidas provisórias visando amenizar os impactos da pandemia para os comércios e empresas, os entrevistados foram questionados se algumas dessas medidas foram utilizadas em seu estabelecimento, e responderam:

“Sim. Buscamos novos métodos de trabalho, tivemos que reduzir os custos, traçar metas e adaptar o home office. A comunicação com os colaboradores foi um ponto de equilíbrio pra ajustar os processos internos e manter o foco no atendimento, mesmo com os recursos reduzidos sofrido pelo impacto da COVID 19.” (Entrevistado X).

“Sim, claro, usamos de tudo. Férias coletivas, antecipação de férias individual e feriados, banco de horas e suspensão dos recolhimentos do

fundo de garantia e do FGTS, e claro, adotamos os home office.” (Entrevistado Y).

“Sim, adotamos de imediato o home office e depois fomos aderindo outras medidas. Disponibilizamos de imediato recursos para nossos funcionários trabalharem de casa, adiantamos férias, redução da carga horária de trabalho e muita paciência (risos).” (Entrevistado Z).

Pode-se analisar que as medidas provisórias criadas pelo governo foram sim utilizadas pelos estabelecimentos das entrevistadas. Todos tiveram redução de jornada de trabalho em sua equipe e mudança imediata para o home office.

Podemos observar que a adoção das medidas provisórias foi suficiente para o estabelecimento dos entrevistados.

Ao serem abordados sobre se participam de atividades com outras instituições e se acham importantes, eles responderam:

“Claro, muito importante, um ajudando o outro. Temos uma participação muito forte na ação social onde contribuimos com a manutenção de um Abrigo para idosos e um Orfanato.” (Entrevistado X)

“Muito importante, a visão do empreendedorismo social é essa né, todos juntos em prol de um só objetivo. Sempre que podemos participamos de ações sociais junto com outros orfanatos, creches, abrigo para idosos, igrejas etc.” (Entrevistado Y).

“Sim. Já fomos mais engajados nisso, confesso. Acontece que ainda estamos nos recuperando da pandemia então por agora estamos fazendo ações que nos traga resultados imediatos, estamos focados em nos estabelecer para continuarmos no nosso propósito de ajudar ao próximo.” (Entrevistado Z).

Observa-se que todos concordam na importância de estarem ligados a outras instituições, afinal, estão todos em prol do mesmo objetivo. Importante ressaltar a fala do Z, “Acontece que ainda estamos nos recuperando da pandemia...” Isso aponta o grande impacto econômico que atingiu aos empreendimentos.

E, por fim, foi perguntado aos participantes quais conselhos ou dica eles dariam para quem quer ser um empreendedor social, e responderam da seguinte forma:

“Se preparar, se capacitar, buscar conhecer o seu negócio, conhecer seu público-alvo. E não desistir. Ser resiliente. Ser empreendedor é aceitar desafios.” (Entrevistado X)

“Focar no seu propósito e entender seu objetivo. No meu do caminho vai aparecer muitas diversidades, muitos questionamentos que tendem a nos fazer desistir, muitas propostas de dinheiro rápido e fácil que nos fazem duvidar dos nossos propósitos.” (Entrevistado Y).

“Estudar, se preparar e principalmente acreditar na sua missão. Não vai ser fácil, você vai pensar em desistir algumas vezes, mas passa. Passa quando você vê os resultados chegando, passa quando você perceber o impacto que está causando a sua volta e aí tudo passa a valer a pena.” (Entrevistado Z)

Pode-se perceber que todos falam a mesma palavra “proposito”, a economia é abrangente, engloba vários conteúdos, temas e necessidades. A economia Solidária além de números e gráficos tem um proposito, a sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe em um primeiro momento a origem e conceito do empreendedorismo social reforçando a importância e contribuição que o empreendedorismo tem para a economia Brasileira. Nota-se que o conceito do empreendedorismo social é um conceito aberto e em construção, o que o torna sua delimitação efetivamente difícil.

O conceito de empreendimento social, associa-se ao conceito de economia solidária, centrando-se na figura da organização, surgindo a empresa social como síntese dos conceitos do empreendedorismo social e economia solidária.

Assim como os conceitos da economia solidária é de semelhante modo, um conceito pouco consensual na doutrina, não só nacionalmente como internacionalmente. No Brasil, ainda não se tem uma política Nacional, e para esse espaço em carência foi criado SENAES.

E como foi mencionado na 1. Introdução, a inclusão de empreendimentos que visam gerar emprego e renda associativos produz o aumento da renda dos indivíduos participantes e de sua família, fazendo com que os cidadãos deixem o estágio de exclusão e vulnerabilidade social.

A partir das discussões apresentadas foi possível verificar que os empreendedores líderes dos empreendimentos solidários possuem características e objetivos bastante semelhantes aos defendidos pelo empreendedorismo social, tais como as ações de combate à pobreza e a valorização do relacionamento entre os diversos atores presentes no processo.

Também foi possível constatar que o estabelecimento dessa relação entre economia solidária e empreendedorismo social é motivada por comungarem dos mesmos objetivos e características semelhantes. O capital social adquirido pelos participantes das iniciativas de economia solidária são úteis ao desenvolvimento das ações de empreendedorismo social, bem como, o empoderamento adquirido por eles, por meio dos conhecimentos aprendidos, socializados.

Deste modo, buscamos abordar a maneira como a atuação social se modificou e como as empresas se adaptaram às questões sociais, econômicas e políticas projetando seu modelo moderno de responsabilidade social, no qual se faz presente a atuação de uma instituição.

Por fim, percebemos que as empresas entrevistadas começaram a atuação social voltada para a comunidade local através de doações específicas a determinados projetos, grupos e igrejas.

Conclua-se que os EES, apesar das dificuldades enfrentadas durante a pandemia do Covid-19 reconhecem a existência de retorno social. Desse modo, pode-se considerar que o relacionamento entre os empreendedores sociais e a economia solidária como exitosa, afinal, atingem objetivos perseguidos por ambos. Indo além, percebeu-se que os entrevistados atuam como empreendedores sociais, facilitando o funcionamento das iniciativas de economia solidária, filantropia é uma ação de caridade dirigida à comunidade, desvinculada do planejamento estratégico da empresa. Estudiosos, especialistas e empresários têm proposto definições para o conceito responsabilidade sociais, com diferentes abordagens, diferentes enfoques, mas que se complementam.

Que esse trabalho sirva de material de consulta para os estudantes de ciências econômicas, ou até mesmo para estudantes de administração, que tenham interesse em saber os impactos do Covid 19 no ramo de empreendimentos sociais do município do Rio de Janeiro, e sirva de inspiração para que surjam novos estudos sobre a pandemia.

Contudo, esta pesquisa apresenta limitações, pois a pandemia ainda é um acontecimento muito recente, e devido à carência de materiais de apoio ainda não publicados, limitaram-se os dados da pesquisa e abordagens mais recentes. Desta forma, sugere-se que, para pesquisar futuras, se amplie mais sobre os estudos dos impactos econômicos causados pela Covid 19.

REFERÊNCIAS

_____. Secretaria Nacional de Economia Solidária. Economia solidária em desenvolvimento. Brasília: SENAES/MTE, 2003.

Abreu, T. L., & Oliveira, A. A. R. (2021). A aventura de criação das mídias educativas 'da reflexão à prática dos princípios da economia solidária'. In: Schimitt, A. R. V., & Marcom, J. L. R. (2021). Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar 2. Ponta Grossa: Atena. E-Book.

<https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/4444>.

acontece! Cartilha da Campanha Nacional de Divulgação e Mobilização Social. Brasília: MTE/SENAES, 2007.

AMORIM, Andressa Nunes. Economia Solidária: Princípios e contribuições. Dissertação de Mestrado. PPGPS/UFES. 24 de Setembro de 2010. Disponível em: http://www.fearp.usp.br/cooperativismo/diss_instituicao.php?instituicao=390

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - BNDES. Programa Emergencial de Suporte a Empregos. Disponível em: Acesso em: 26 mai. 2020b.

BERTUCCI, A. et al. Economia solidária: Outra economia a serviço da vida acontece. Brasília, DF: Fórum Brasileiro de Economia Solidária, 2010. (Campanha da Fraternidade Ecumênica 2010)

BESSANT, J; TIDD, J. Inovação e Empreendedorismo. Porto Alegre. Bookman,2009.

BILLIS, D. Towards a Theory of Welfare Hybrids. Em D.Billis (org.) Hybrid Organizations and the Third Sector: Challenges for Practice, Theory and Policy. N. York: Palgrave, 2010.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Os Empreendimentos Econômicos Solidários. [Brasília]: [s.d]. Disponível em: . Acesso em 13 set 2013.

Brouard, F. e Larivet, S. (2009), Social entrepreneurship: definitions and boundaries, Ottawa, Anser-Ares.

CARITAS BRASILEIRA. Amor que liberta: mística e espiritualidade da Cáritas Brasileira. Brasília, DF, 2003.

Austin, JE, Stevenson, H. e Wei-Skillern, J. (2006) Empreendedorismo social e comercial: igual, diferente ou ambos? Teoria e Prática do Empreendedorismo, 30, 1-22.

<http://dx.doi.org/10.1111/j.1540-6520.2006.00107.x>

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 1995.

Clark, P. E., Stein, J. P., Groshen, S. G., Miranda, G., Cai, J., Lieskovsky, G. et al: The management of urethral transitional cell carcinoma after radical cystectomy for invasive bladder cancer. J Urol, 172: 1342, 2004

COMEXSTAT. Brasil: informações gerais. Disponível em: . Acesso em: 27 mai. 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 3., 2013, Brasília. Texto de Referência: contextualização e balanço nacional. Brasília: SENAES/MTE, 2013. Disponível em: . Acesso em: 8 jun. 2015.

DECRETO Nº 46.970 DE 13 DE MARÇO DE 2020

DISPÕE SOBRE MEDIDAS TEMPORÁRIAS DE PREVENÇÃO AO CONTÁGIO E DE ENFRENTAMENTO DA PROPAGAÇÃO DECORRENTE DO NOVO CORONAVÍRUS (COVID-19)

DOLABELA, F. Oficina do Empreendedor. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999

ESCOSTEGUY, Claudia Caminha et al. **COVID-19: estudo seccional de casos suspeitos internados em um hospital federal do Rio de Janeiro e fatores associados ao óbito hospitalar.** *Epidemiol. Serv. Saúde* [online]. 2021

FERREIRA BAPTISTA, Diana Filipa dos Santos. O Voluntario enquanto Promotor do Empreendedorismo Social: O caso da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Mangualde, 2013. Dissertação (Mestrado).

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Minha biblioteca virtual. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p.13

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Minha biblioteca virtual. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p.13

FSCHER, R.M. O Desafio da Colaboração – Práticas de Responsabilidade social entre Empresas e Terceiro Setor, São Paulo: Editora Gente,2002.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS - FGV. O Rio de Janeiro perde R\$ 5,5 bilhões sem carnaval. Portal FGV. Disponível em: <https://www.portal.fgv.br/en/node/22139>

GAIGER, Luiz Inacio. [et.al.]. Dicionário internacional da outra economia.Portugal:Almedina,2009.Disponível

GAIGER, Luiz Inácio. Empreendimento Econômico Solidário. In: CATANI, Antônio David, et al. (org.). Dicionário Internacional da Outra Economia. São Paulo: Almedina. 2009.

GAIGER, Luiz Inácio. Empreendimentos solidários: uma alternativa para a economia popular? In: GAIGER, Luiz Inácio (org.). Formas de combate e de resistência à pobreza. São Leopoldo: Editora UNISINOS. 1996

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018. Ebook. Acesso restrito via Minha Biblioteca.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018. Ebook. Acesso restrito via Minha Biblioteca.

Harding, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. Empreendedorismo.Tradução de Teresa Cristina Felix de Souza. 7. ed. Porto alegre: Bookman, 2004.

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/download/5611/3396>

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=empreendedorismo+social+tcc&oq=#d=gs_qabs&t=1666961360424&u=%23p%3D-r42ocb0dQwJ

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/54358/54358.PDF>

LECHAT, N.M.P. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil.** In: SEMINARIO DE INCUBADORAS TECNOLOGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES, 2., 2002, Disponível em : [www.itcpunicamp.br/downloads/ext doc2.doc]

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021. Ebook. Acesso restrito via Minha Biblioteca.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021. Ebook. Acesso restrito via Minha Biblioteca.

Martin, Roger e Osberg, Sally (2007), "Social Entrepreneurship: The Case for Definition", Social Innovation

MARTINELLI, S. de C.; BARTHOLOMEU, D. Escala de Motivação Acadêmica: uma medida de motivação extrínseca e intrínseca. Avaliação psicol., v. 6,n. 1, 2007.

MATURANA, Humberto. A antologia da realidade. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro – da filantropia tradicional à filantropia de alto rendimento e ao empreendedorismo social. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MICHEL, Maria Helena. Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Boletim MacroFiscal da SPE: maio de 2020.

Disponível em: Acesso em: 19 mai. 2020d.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Boletim MacroFiscal da SPE: maio de 2020.

Disponível em: .

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Ministério da Economia avalia impacto econômico do coronavírus. Disponível em: Acesso em: 18 mai. 2020b.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Nota Informativa: uma Análise da Crise gerada pela Covid-19 e a Reação de Política Econômica. Nota Técnica, 13 de maio de 2020a.

MINISTERIO DO TRABALHO E EMPREGO. "Economia Solidária em desenvolvimento". Brasília: MTE, SENAES, 2003

Mintzberg, H. (1973). The nature of managerial work. New York: Harper & Row. 298 p.

MIRANDA, Daniela de Oliveira. A Democracia Dialógica e a Economia Solidária. 2011. 196f. tese (DOUTORADO). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de pos graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, RS,2011. Disponível em

[:http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/1268/DissertLucianaVNO.pdf.%20Acesso;jsessionid=24AFD3316F087A066AEC5314CF316C94?sequenc e=1](http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/1268/DissertLucianaVNO.pdf.%20Acesso;jsessionid=24AFD3316F087A066AEC5314CF316C94?sequenc e=1)

MUHACHA, Benney. Recursos Turísticos e sua importância (econômica e social). Disponível em: <https://sopra-educacao.com/2021/03/31/recursos-turisticos-e-sua-importancia-economica-e-social/> Acesso em: 14 abril

Nicholls, A. 2006. “Introdução”. Em A. Nicholls (Ed.), Empreendedorismo Social: Novos Modelos de Mudança Social Sustentável . Oxford: Imprensa da Universidade de Oxford

OLIVEIRA, Edson Marques. Empreendedorismo social no Brasil: fundamentos e estratégias. 2004. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual Paulista - Unesp, Franca, 2004.

OLIVEIRA, Luciana Vargas Netto. Economia solidária e conjunto neoliberal: desafios para as políticas no Brasil. 2005. Dissertação mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005, Disponível em : <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/1268/DissertLucianaVNO.pdf.%20Acesso;jsessionid=24AFD3316F087A066AEC5314CF316C94?sequenc e=1>

OLIVEIRA, R. G. Economia do meio ambiente. In: PINHO, D. B.; VASCONCELOS, M. A. S. (Orgs.). Manual de Economia: equipe de professores da USP. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

Revista, nº 5(2), pp. 27-39

Rufino, S. (2005). (Re)fazer, (re)modelar, (re)criar: a autogestão no processo produtivo. 2005. Tese (Doutorado em Engenharia) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://sites.usp.br/redcoop/wp-content/uploads/sites/633/2019/11/tese-sandrarufino-2005.pdf>.

SÁ, Carlos Augusto Ferreira. Economia Solidária em Mato Grosso do Sul: desafios e possibilidades. 2005. Monografia(Especialização). Campo Grande – MS: UNAES, curso de Pós-Graduação em Gestão Empresarial e Recursos humanos, 2005.

SAMPIERI, Roberto Hernández. Metodologia de pesquisa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SAMPIERI, Roberto Hernández. Metodologia de pesquisa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANDRONI, Paulo (org.). Novíssimo dicionário de economia. São Paulo: Best Seller. 1999.

SECRETARIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (SENAES). (2006). Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005. MTE, SENAES

SENAES/MTE. Economia Solidária Mapeamento São Paulo 2005-2007. São Paulo: Todos os Bichos, 2005/2007.

Shane, S., and Venkataraman, S. 2000. The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review*, 25: 217–226.

Singer, P. (2015). Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. Contexto.

SINGER, P. **Introdução a economia solidária**. 1ª ed. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2002

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002. TIRIBA, Lia. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. *Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da Educação*. UFSC, Florianópolis/SC: Vol. 26, nº 1, jan./jun. (p. 69-94). 2008. TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara. Saberes do trabalho associado. In: CATANI, Antônio, et al. (org.). *Dicionário Internacional da Outra Economia*. São Paulo: Almedina. 2009.

SINGER, Paul. Economia Solidária: um modelo de produção e distribuição. In: SINGER, P.; SOUZA, A.R. (Org.). A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo. Contexto (p. 11-28). 2000.

THOMPSON, E. P. Os românticos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Tiriba, L. (2008). Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. *Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação*, n. 27, 26(1), 69-94, UFSC.

<https://doaj.org/article/288ff270421b4c5d98562f5fd9c2fbc3>.

Vasconcelos, A. M., & Lezana, Álvaro G. R. (2012). Modelo de ciclo de vida de empreendimentos sociais. *Revista De Administração Pública*, 46(4), 1037 a 1058. Recuperado de <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7123>

VERGA, E.; SOARES DA SILVA, L. F. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v.3, n.3, p. 3-30, 2014.

VILAR, Juliane Lucena. Características da Economia Solidária nas Práticas da Horta Orgânica na Associação AMUABAS, no Município de Sumé –PB. Sumé: Universidade Federal de Campina Grande, 2013. Disponível em: Acesso em: 12 abril. 2017.

WORLD BANK. Perspectivas econômicas globais. Disponível em: . Acesso em: 9 jun. 2020.

Yin, R. K. (2005) (editor). *Introducing the world of education. A case study reader*. Thousand Oaks: Sage Publications.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

O roteiro abaixo refere-se as etapas da entrevista realizada com os participantes no decorrer do trabalho de pesquisa. Ele é composto por 6 questões e foram respondidas pelos entrevistados na modalidade presencial no período de 21/05/2023 a 23/05/2023.

- 1) Como surgiu a ideia de ser empreendedor?
- 2) Quais os maiores obstáculos que você enfrenta para empreender?
- 3) Sentiu algum impacto com a pandemia do Covid 19?
- 4) Como você lidou para que os impactos não atingisse financeiramente seu empreendimento?
- 5) Participa de atividades com outras instituições?
- 6) Que dica você daria para quem quer empreender?

